Número 9, Agosto de 2003

novas da galiza

número 9

► Posiçons nacionalistas recuam após a mudança normativa

► Dedicam XVII Festival da Poesia à mobilizaçom cidadá

► Aniversário do assassinato de Moncho Reboiras

OPUS DEI

O poder na sombra

A prelatura que fundara em 1928 Monsenhor Escrivá de Balaguer goza na actualidade de umha privilegiada posiçom na sociedade galega. A Obra está presente no poder autonómico, nas universidades, nos meios de comunicaçom e mesmo está a assentar umha sólida estrutura no rural do País. Perante as opinions que identificam o Opus com o grande poder económico e como um instrumento de controle social, os membros da prelatura defendem-se a argumentar que o único fim que perseguem é a santificaçom mediante o trabalho.

Desde que em 1989 ganhou as eleiçons autonómicas Manuel Fraga, o Opus Dei foi escalando posiçons na escala de poder do País. Analisando a presença de fiéis da Obra entre os políticos e conselheiros do Partido Popular, pode afirmar-se que o Opus goza de umha situaçom privilegiada no panorama político da Galiza. Basta assinalarmos que, na primeira legislatura presidida por Fraga (1989-1993), pessoas relacionadas com a Prelatura ocupárom diversas conselharias. Este é o caso da da Presidência, dirigida naquela altura por Dositeo Rodríguez, que na actualidade, é vereador do PP em Santiago de Compostela. Naquele mesmo gabinete, Xosé Manuel Romay Beccaría era o responsável da Conselharia de Agricultura. Este último, que hoje em dia preside o Conselho de Estado, negou em repetidas ocasions a sua pertença à Obra. Nom obstante, diversas fontes asseguram que existe certa afinidade, talvez propiciada polo facto de as suas amizades mais próximas serem do Opus. Na actualidade, diversas fontes vinculam com a Prelatura o Conselheiro da Economia, Xosé Antón Orza.

"Os fletadores do Prestige mantenhem laços com a monarquia"

Iban Gortazar, autor do ensaio *"Los Piratas del Prestige. De la Casa Blanca a la Zarzuela"*

Resposta conundente a Cascos no 25 de Julho

A concentraçom de actividades, propostas lúdicas e mobilizaçons reivindicativas, tam habitual no Dia da Pátria, acentuou-se se calhar este ano pola peculiar conjuntura sócio-política vivida no nosso País: o ano político que acabava de terminar, o das maiores mobilizaçons de massas da nossa história recente, e os protestos do nacionalismo perante a afronta maquinada polo poder autonómico com a concessom da Medalha de Ouro da Galiza ao ministro Álvarez Cascos, explicam em grande medida a dinámica da jornada, a mais conflitiva dos últimos anos.

Segundo o observado nas diferentes manifestaçons levadas a cabo, a capacidade de convocatória do independentismo e do nacionalismo institucional mantivo-se estável, com um ligeiro aumento da assistência nos actos do primeiro.

Galiza ou o novo Macondo

Desde o ano 1998, as fábricas galegas de alumínio situadas na Corunha e em Sam Cibrao (Marinha) passárom de ser propriedade pública a cair nas maos da mutinacional Aluminium Compay of America (ALCOA). A passagem de empresa pública a empresa privada tem a ver com a política governamental de ir limitando a participaçom do Estado naqueles sectores que nom lhe parecem estratégicos mas causantes de perdas no erário público.

Por outra parte, a chegada de ares norte-americanos é acompanhada por umha renovaçom que atinge todos os aspectos da vida quotidiana e laboral dentro destas empresas agora privatizadas.

segunda

novas da galiza

Editora: Minho Média S.L

Director: Ramom Gonçalves.

Redacçom: Marta Salgueiro, Carlos B.G., J.Manuel Lopes, Antom Álvarez, Miguel Garcia, Joám Evans, Tiago Peres.

Correspondentes: *Compostela*, Ugio Caamanho / *Vigo*, Xiana González / *Ponte-Vedra*, Álvaro Franco / *Lugo*, Joám Bagaria / *Corunha*, Armando Ribadulha / *Ourense*, Tiago Peres / *Barbança*, Joám Evans / *Marinha*, André Outeiro / *Paris*, J.Irazola / *Madrid*, José R.Rodríguez

Colaboraçons: Xurxo Souto, Maurício Castro, Tomé Martins, Xesus Serrano, Manuel Andrade, José R.Pichel, Antom Garcia Matos, Xabier Lago Mestre, A Gente da Barreira, Eduardo Sanches, Ignacio Ramonet, Santiago Alba, Ramón Chao.

Fotografia: Borxa Vilas, Rosa Veiga, Miguel Garcia, Arquivo NGZ.

Humor Gráfico: Suso Sanmartim, Pestinho +1.

Publicidade: Tiago Peres.

Imagem corporativa: Paulo Rico

Maquetaçom: Carlos BG / Miguel Garcia

Correcçom lingüística: Eduardo Sanches Maragoto.

NOVAS DA GALIZA
Apartado dos correios 1069
27080 Lugo. Galiza.
Tel: 639 146 523
novasgz@novasgz.com

As opinions expressas nos artigos nom representam necessariamente a posiçom do jornal
Os artigos som de livre reproduçom respeitando a ortografia e citando procedência. É proibida outro tipo de reproduçom sem autorizaçom expressa do grupo editor.

Feche de Ediçom: 15.08.03

Partidismo, manipulaçom e intoxicaçom

O tratamento mediático do independentismo pola imprensa autonomista

Carlos Morais

*"Os que máis madrugaron o 25 de xullo foron os manifestantes convocados por NÓS-Unidade Popular, que celebraban ademais o aniversario da sua constitución baixo o lema "Unha outra Galicia é possível". As once e media partía da alameda unha manifestación menos concorrida que a pasado ano –**ao redor de cincocentas persoas-** na que quixeron poñer de manifesto que o 25 de xullo "non é unha celebración inocua e compracente".*
*"Ás doce do mediodía partía a manifestación convocada por NÓS-UP dende a Alameda camiño da Praza de Mazarelos. **Perto de cincocentas persoas** marcharom polas rúas de Santiago pedindo a independencia, unha "Galiza ceive, socialista e nom patriarcal asi como a liberdade para os presos políticos". Com case unha hora de retraso sobre o horario previsto saía a manifestación de NÓS-UP coa xente do Bloque lambéndolle os calcañares. **A pesar de que o descenso de asistentes foi notábel, case a metade que o ano pasado**, a organización mostrou a súa satisfacción ao verse compensada pola abundante concorrencia de xente nos demais actos convocados".*

Ambas as citaçons, reproduzidas fielmente, pertencem à informaçom que o semanário do autonomismo *A Nosa Terra* dedica à manifestaçom da esquerda independentista do Dia da Pátria de 2002 e 2003 respectivamente. O jornal vinculado ao BNG, no número 1.045 de 1 de Agosto a 4 de Setembro de 2002, e no número 1.093 de 31 de Julho a 3 de Setembro de 2003, tal e como pode ser constatado nos negritos com que desvendamos a manipulaçom, nom se diferencia do resto da imprensa na hora de intoxicar e transmitir calculadamente informaçom falsa sobre umha parte do independentismo galego.

ANTA NOSA TERRA NOM É NOSSA!

ANTA estima que o número de manifestantes que secundárom este ano a manifestaçom da Unidade Popular aproximava-se das 500 pessoas, -estimaçom bastante rigorosa pois o número exacto foi de 430-450-, e considera que participárom *"case a metade que o ano pasado"*, mas em 2002 o semanário também estimava em meio milhar o número de independentistas que participárom na manifestaçom de NÓS-UP. É evidente que a ANT mente, manipula e intoxica tendo em conta que a manifestaçom deste ano foi ligeiramente superior à de 2002.

Descarta-se qualquer erro de transcriçom da notícia elaborada por César Lorenzo Gil e Begoña Carballo, ou desconhecimento da crónica realizada no ano anterior polas suas colegas de redacçom. Também nom consideramos possível que as erróneas *contas* sejam expressom de graves carências estruturais em aritmética e matemática, entendidas como o conjunto de ciências em que intervenhem as teorias dos números, deste e desta "jornalistas". Portanto, nom se pode interpretar esta absoluta e ridícula imprecisom, expoente da falta do mais mínimo rigor jornalístico, senom como umha evidente manipulaçom e intoxicaçom do autonomismo no momento de tratar todo o ligado com a esquerda independentista.

Nom é nova esta atitude nas páginas de ANT. Só nos últimos meses, para nom abrangermos umha etapa cronológica mais ampla, o jornal dirigido por Afonso Eiré tem-se caracterizado por umha estratégia mediática a respeito do MLNG caracterizada pola ocultaçom sistemática, e às vezes obsessiva, da imensa maioria das iniciativas e actividades, combinada com umha manipulaçom constante das notícias que considera, por diversas razons, imprescindível ressaltar.

Resultaria cómico e surrealista, se nom fosse polas conseqüências e evidente intencionalidade política que procura, o título e tratamento sobre o Dia da Pátria na semana prévia: *"FPG e AMI aproveitan o 25 de xullo para criticaren a Aznar"* (ANT 1.092, de 24 a 30 de Julho de 2003, página 8), mais próprio de 1995 do que do ano em curso.

A orientaçom da informaçom sobre as sete sabotagens realizadas em Compostela na noite de 24 a 25 de Julho contra diversos interesses do capital espanhol e sipaio também é umha amostra de jornalismo colaboracionista, homologável ao conjunto da imprensa espanhola, burguesa e patriarcal, que inunda os quiosques do País. ANT, na página 15 do já citado número 1.093, qualifica de "*vandalismo"* acçons de evidente intencionalidade e natureza política, e citando um artigo do "cronista político" do "*Faro de Vigo*", Javier Sánchez de Dios, ao qual reverencialmente qualifica de "veterano comentarista", publicado em 29 de Julho no diário viguês, adere à lógica para-policial que a ofensiva fascista espanhola impom nos meios de comunicaçom de massas.

O tratamento concedido à II Assembleia Nacional de NÓS-Unidade Popular tampouco tem desperdício (ANT 1.088, página 14, de 26 de Junho a 2 de Julho). Sem contactar com ninguém da organizaçom política unitária da esquerda independentista, sem citar fontes, elabora umha notícia para justificar a suja estratégia de pretender gerar tensionamento e incutir divisom interna no seio do MLNG, plasmada nas "informaçons" recolhidas nos números 1.069 e 1.070, de 13 a 19 de Fevereiro, e de 20 a 26 de Fevereiro de 2003 respectivamente, com títulos tam eloqüentes da intencionalidade fraccionalista como *"Malia as diferencias entre AMI e Primeira Linha. Negan que a organización independentista NÓS-UP vaia rachar"*. Cumpre ressaltar que, nestas planificadas manobras confusionistas, ANT mentiu sem o menor reparo ao afirmar que Primeira Linha declinara realizar declaraçons, quando em nenhum momento contactou com a organizaçom comunista do MLNG.

É surpreendente que a informaçom da Assembleia Nacional nom esteja acompanhada, como se fijo com as citaçons congressuais da FPG, sem ir mais longe, com umha entrevista a alguém da direçom.

Finalmente, para nom vos cansar com mais citaçons exaustivas sobre um tratamento informativo que está bem claro, ressaltemos a informaçom da greve de fome que durante semanas mantivérom em Compostela dúzias de activistas da Unidade Popular, nos meses de Novembro e Dezembro de 2002, para denunciarem a perseguiçom contra o exercício da liberdade de expressom que praticava, e pratica, o governo municipal, naquela altura de coligaçom PSOE-BNG. O semanário autonomista com o gráfico cabeçalho *"Grafitismo, unha plaga ou un dereito"* semeia dúvidas sobre a legitimidade do protesto ocultando as verdadeiras razons da iniciativa, centrando o "problema" na realizaçom de *pintadas* sobre pedra ou património monumental ao mais puro estilo *"El Correo Gallego"*, evitando informar sobre o estado de excepçom de baixa intensidade em que o regime tem convertido a capital da Galiza, como laboratório modelo do controle social, repressom selectiva e proibiçom do exercício mais elementar dos direitos básicos de manifestaçom e expressom, que a esquerda independentista está a combater sem trégua há anos. Torna-se mais necessário do que nunca consolidar umha rede própria de comunicaçom com que o MLNG poda, com a pluralidade ideológica que o caracteriza, informar, coesionar e socializar o seu projecto revolucionário. Nom podemos depender, embora sim devamos ter umha clara política mediática, dos *mass-media* do capitalismo, nas suas variantes espanholistas ou autonomistas. Temos que contar basicamente com os nossos próprios meios, e portanto urge coordenar as diversas expressons mediáticas do conjunto do independentismo galego, que com todas as limitaçons, som relevantes em relaçom com o actual grau de desenvolvimento do emergente movimento de libertaçom nacional e social de género.

sumário

Opus Dei. O poder na sombra

Novas da Galiza descobre neste número as redes do Opus Dei no nosso país, assim como a influência da seita na vida política galega

7

10

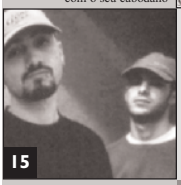
Galiza ou o novo Macondo

De se fechar Alúmina, hoje em maos estadunidenses, Sam Cibrao poderia ser um novo Macondo, um lugar panasma e sem vida

Anivesrário do assassinato de Moncho Reboiraas

Ramom Gonçalves, director de Novas da Galiza, lembra a figura do combatente nacionalista coincidindo com o seu cabodano

14



15

Bandas internacionais na nossa língua

Portugal e o Brasil oferecem um amplo abano de grupos de qualidade a fazerem música na nossa língua

editorial

O rosto mais intransigente do catolicismo

Falar do Opus Dei é referir a face mais retrógrada e conservadora da Igreja de Roma. A doutrina da Obra nom é mais do que a aplicaçom do pensamento capitalista ao catolicismo. Neste caso, "a salvaçom é conseqüência do trabalho" e a acumulaçom de riqueza passa a ser considerada umha virtude e a ser reconhecida como um motivo de "santificaçom".

Poucos anos depois da sua fundaçom, o Opus consegue consolidar-se como umha congregaçom religiosa com fortes vínculos nos poderes político e económico. Dando umha vista de olhos no passado mais imediato, basta lembrarmos a geraçom de tecnócratas do Opus que medrou ao abrigo do regime fascista de Franco e que estivo à frente de diversos ministérios. Mas este nom é um fenómeno que apenas abranja o Estado Espanhol. A Prelatura fundada por Escrivá de Balaguer conseguiu atingir as quotas mais altas de poder na hierarquia católica, coincidindo com o pontificado de Joam Paulo II. Nom foi por acaso que a chegada deste homem ao papado representasse umha involuçom na Igreja, até ao ponto de desbaratar completamente os tímidos planos aberturistas e regeneracionistas de antecessores seus como Joam XXIII ou Paulo VI. O Opus também serviu de contraponto violento ao movimento da Teologia da Libertaçom na Latino-América, ao apoiar decididamente as sanguinárias ditaduras fascistas que padeceu o continente, entre elas, a do Chile ou a de El Salvador. Em relaçom com o país andino, Escrivá visitou-o em 1974 quando a repressom de Pinochet estava no apogeu. Posteriormente, numha conferência onde se falou do muito sangue espalhado polo Chile, o fundador da Obra chegou a afirmar: "Eu digo-vos que aquele sangue foi necessário".

Infelizmente, o Opus também estendeu as garras pola Galiza. O poder político, o económico, os meios de comunicaçom ou o ensino nom ficam livres da pegada da Obra. Xosé Antón Orza, Dositeo Rodríguez, Meilán Gil e Arturo Maneiro tam-só som umha pequena amostra dos serventes mais significativos que a Prelatura possui no País. Mas o Opus, que sempre foi considerado de carácter urbano, está a assentar umha sólida estrutura no meio rural da Galiza. Já nos anos setenta, fôrom criadas as EFA´s (Escolas Familiares Agrárias) nas Neves, Coristanco e Arçua, com o objectivo de introduzir a doutrina da Obra nas aldeias e vilas do País e para fazer oposiçom ao sindicalismo agrarista nacionalista que começava a germinar na altura. Mas, um dos aspectos mais preocupantes é a presença do Opus no ensino. As cidades de Vigo e Corunha contam com centros educativos geridos pola Obra. Nestes, existe segregaçom por géneros, aspecto que atenta claramente contra os princípios mais básicos da educaçom, entre outros motivos, porque despreza a igualdade. Esta rede pseudo-educativa dispom de subsídios da Junta, já que os centros da Obra som concertados. Nom esqueçamos, tampouco, que o Opus Dei é umha instituiçom marcada por um profundo espanholismo, reflectido também no seu ensino.

Suso Sanmartim

Grande número de actividades, diversas mobilizaçons e repressom espanhola marcam a data

Resposta contundente à medalha a Cascos no passado 25 de Julho

A concentraçom de actividades, propostas lúdicas e mobilizaçons reivindicativas, tam habitual no Dia da Pátria, acentuou-se se calhar este ano pola peculiar conjuntura sócio-política vivida no nosso País: o ano político que acabava de terminar, o das maiores mobilizaçons de massas da nossa história recente, e os protestos do nacionalismo perante a afronta maquinada polo poder autonómico com a concessom da Medalha de Ouro da Galiza ao ministro Álvarez Cascos, explicam em grande medida a dinámica da jornada, a mais conflitiva dos últimos anos.

Redacçom

A concentraçom de actividades, propostas lúdicas e mobilizaçons reivindicativas, tam habitual no Dia da Pátria, acentuou-se se calhar este ano pola peculiar conjuntura sócio-política vivida no nosso País: o ano político que acabava de terminar, o das maiores mobilizaçons de massas da nossa história recente, e os protestos do nacionalismo perante a afronta maquinada polo poder autonómico com a concessom da Medalha de Ouro da Galiza ao ministro Álvarez Cascos, explicam em grande medida a dinámica da jornada, a mais conflitiva dos últimos anos.

Segundo o observado nas diferentes manifestaçons levadas a cabo, a capacidade de convocatória do independentismo e do nacionalismo institucional mantivo-se estável, com um ligeiro aumento da assistência nos actos do primeiro.

Antes de darem começo as mobilizaçons nacionais e de se juntarem as pessoas assistentes no Passeio da Alameda, meia dúzia de polícias da brigada de informaçom detivérom os militantes de NÓS-UP Estrela Ferrenho e Antom Santos quando estavam a carregar propaganda política num carro, relacionando-os com as sabotagens da madrugada e deixando vazar os seus nomes aos meios, que logo prescidírom da presunçom de inocência passando a acusar directamente o detido e a detida. A organizaçom a que pertencem, que tinha feito em dias prévios umha ênfase especial na necessidade de o povo galego se mobilizar contra a medalha da aldragem, foi precisamente a primeira em sair da Alameda. Mais de meio milhar de pessoas, a maioria delas jovens, secundárom a convocatória, em que fôrom rasgadas simbolicamente três faixas de grande tamanho com vários artigos da Constituiçom Espanhola. Já em Maçarelos, o membro da Direççom Nacional Íria Medranho dirigiu à assistência umha arenga em que salientou a situaçom de crise nacional que vive o nosso país e convidou o público a secundar as diversas iniciativas –políticas, sociais, mediáticas ou culturais- postas em andamento pola esquerda independentista.

Por outro lado, as mais de dez mil pessoas que assistírom à mobilizaçom do BNG pudérom ouvir o já tradicional comício de X.M. Beiras, em que se repetírom as ideias força dos últimos anos: necessidade de um governo galego, maior peso do nosso país no Estado e diálogo político no enquadramento autonómico. A novidade fôrom as alusons reiteradas à crise nacional do Prestige e a insistência na reivindicaçom da identidade galeguista do BNG em contraposiçom ao resto de forças institucionais.

A terceira das manifestaçons, a da FPG, acabou na Praça do Toural com discursos do escritor X.L. Méndez Ferrín, cheio de referências à conjuntura internacional e às agressons do imperialismo, e do vereador de Cangas Mariano Abalo, que revisou a conjuntura política galega. Em finalizando, os e as assistentes confluírom com os milhares de pessoas que abarrotavam o Obradoiro convocadas pola Nunca Mais, que repetiu o sucesso mobilizador que acompanhou a plataforma em todas as suas actividades.

Tensom no serám do 25

Mas a jornada reivindicativa nom terminou aqui, como costuma acontecer. As diversas entidades do MLNG continuárom avante com umha concentraçom à tarde que tinha o propósito de boicotar a entrega da medalha a Álvarez Cascos, o que foi impedido pola polícia espanhola ao carregar contra os manifestantes na Porta do Caminho, deixando várias pessoas contusionados. A tentativa de dissolver o jantar-festa de NÓS-UP frustrou-se pola determinaçom da militáncia independentista, que impediu, formando umha corrente humana, a entrada da polícia no recinto. Por outro lado, Ceivar (organismo popular anti-repressivo), que aproveitou os actos do 25 para fazer a sua apresentaçom pública, encarregou-se da atençom das pessoas detidas e da denúncia da repressom, convocando no Toural um cento de pessoas à tardinha e organizando o recebimento da Estrela e do Antom à saída dos julgados no dia seguinte. Os dous militantes fôrom libertados por nom ter encontrado o juiz nenhumha prova que os vinculasse com as sabotagens.

Imagemda Rondalha da Mocidade com a Bandeira organizada pola AMI, que este ano celebrou a sua oitava ediçom

Festa, mobilizaçom e acçons de sabotagem dam as boas vindas ao Dia da Pátria

A reivindicaçom nacional tem já ganho um espaço na véspera do dia nacional; as consignas e simbologia nacionalistas fam parte, desde a tardinha do dia 24, das tradicionais Festas do Apóstolo compostelanas, que congregam milhares de pessoas chegadas de diferentes pontos da Galiza. Às 10 h da noite, enquanto no campus universitário se punham a andar os primeiros espectáculos do Festigal, a AMI convocava perto de 200 moços e moças na Praça do Pam para a VIII rondalha da mocidade, mais conhecida pola Noite das Bandeiras. Houve música tradicional e colocaçom de faixas da organizaçom em vários prédios da parte velha da cidade. Durante a mobilizaçom, duas pessoas encapuzadas, com a ajuda de um escadote, retirárom umha bandeira espanhola do mastro do Lar dos Velhos e Velhas que a Junta gere na Porta do Caminho. Ainda que nesta ocasiom as forças policiais decidírom nom fazer as manifestaçons de ostentaçom de outros anos, quando dúzias de carrinhas ocupavam várias das ruas mais cêntricas da cidade, funcionou durante a noite um operativo especificamente destinado à vigilância do independentismo baptizado como Operaçom Cravo, segundo pudo saber NGZ. Com um discurso de Júlio Saiáns, responsável de organizaçom da AMI, a mobilizaçom deu passagem em Maçarelos à festa-concerto com os grupos Skárnio e Dandy Fever, que se prolongaria até bem entrada a madrugada. O momento mais conflitivo da jornada produziu-se por volta da meia noite na Praça de Cervantes, onde várias pessoas encapuzadas (sobre dez, segundo testemunhas) levantárom várias barricadas e atacárom com artefactos incendiários vários balcons bancários. Factos semelhantes aconteceêrom na zona nova da cidade, onde várias sedes de instituiçons financeiras e lojas de multinacionais de telecomunicaçons fôrom de novo sabotadas. Fontes policiais e meios de comunicaçom do regime adjudicárom as acçons a independentistas. Aos tópicos rituais de condena e desinformaçom (mais intensos que noutras ocasions) aderírom todos os meios de comunicaçom, destacando-se pola sua virulência e falta de rigor informativo o semanário nacionalista A Nossa Terra.

Posiçons nacionalistas recuam após mudança normativa

A reforma da normativa oficial pola Real Academia Galega (RAG) no dia 12 de Julho já originou os primeiros e mais significativos posicionamentos quanto à questom. Embora a maioria das organizaçons galeguizadoras se congratulassem pola aprovaçom da reforma, nom houvo celebraçons salientáveis e sim críticas abertas ao facto de serem tam limitadas as mudanças.

Redacçom

De facto, se bem que no essencial o acordo seja o mesmo, produzírom-se modificaçons significativas a respeito da proposta de 2001, com o fim de esvaziá-las de conteúdo reintegracionista e assim marcar a autoridade da RAG nesta reforma. Entre as diferenças a respeito da primeira proposta, cumpre salientar a eliminaçom da referência ao português como recurso "para a incorporaçom de novo léxico científico-técnico", ou a desestimaçom do nome "agá" para a letra <h> e dígrafos de que é formante.

Apesar de tudo e como se esperava, os organismos afins ao nacionalismo institucional assumírom imediatamente o novo texto normativo, abandonando os mínimos ou normativa da concórdia que defendiam desde há duas décadas. Porém, é opiniom generalizada que nestes sectores se avalia como umha derrota o facto de a reforma ter sido aprovada em 2003 e nom em 2001, ao recuperar a RAG a iniciativa que tinha perdido na altura, verificando-se a escassa influência que o BNG tem entre o galeguismo oficial, mais próximo do PP em muitos casos. Ainda que A Mesa e o BNG fossem as primeiras organizaçons a aderir à reforma a cautela das suas manifestaçons foi evidente. X. M. Beiras considerou que a nova norma, "de jeito razoável, prudente e mesurado permite caminhar tanto para a concórdia entre as diferentes opçons lingüísticas como para o reconhecimento do tronco galego-português". Por outro lado, esta viragem semelha apenas formal no mundo do nacionalismo maioritário, já que nos últimos anos se tinha verificado na prática um abandono da ortografia de mínimos. No entanto, segundo fontes próximas do nacionalismo institucional, o BNG necessitava da reforma e esperava ansiosamente a sua implementaçom a fim de pôr termo a debates internos e externos infrutíferos eleitoralmente.

Por sua vez, o reintegracionismo mostrou certa indiferença perante a reforma, ao considerar que os pequenos avanços nom contribuem para abrir mais possibilidades comunicativas ao galego. Mesmo assim, o Movimento Defesa da Língua (MDL), A Associaçao de Amizade Galiza-Portugal e a Associaçom Galega da Língua (AGAL) assinárom um comunicado conjunto a que já aderírom a Fudaçom Artábria, a Associaçom Cultural Alto Minho e a Assembleia Reintegracionista "Ene Agá" entre muitas pessoas particulares. Neste manifesto assegura-se que "qualquer mudança parcial dessa norma nunca contribuirá para resolver o problema do domínio lingüístico (...) nem a perda de utentes da língua". Para além deste posicionamento conjunto, a AGAL também difundiu um comunicado particular em que se congratulam "de que a Real Academia se aproxime" dos postulados desta associaçom mas consideram que "deve aludir-se a umha 'Reforma Normativa' e nom a um 'Consenso Normativo'", já que "a AGAL nom foi convidada a participar em negociaçons."

Entre as organizaçons políticas de prática reintegracionista, NÓS-UP, apesar de rejeitar o acordo, considerou-o resultado da "persistência, os esforços e os avanços do movimento reintegracionista ao longo de duas décadas" e encorajou a base social reintegracionista a continuar na mesma linha perante "esta pequena vitória".

Agora só falta que o novo texto normativo seja referendado no Parlamento Galego e tudo parece indicar que nom haverá surpresas. As boas relaçons entre o galeguismo oficial e o PP e a duplicidade de opçons da nova proposta que permitirá à Junta continuar a empregar formas como "Galicia" ou "conselleria" fam pensar que a RAG aprovou a reforma só depois de ter obtido o consentimento de Sam Caetano.

Conselharia da Educaçom nega subsídio à mostra do teatro por premiar Burla Negra

Redacçom

A XIX ediçom da Mostra Internacional do Teatro (MIT) em Ribadávia quase nom pudo celebrar-se na capital do Ribeiro. Quatro dias antes de começar o evento mais importante do teatro na Galiza, a Conselharia da Cultura abaixou a ajuda económica em 40%, arriscando a celebraçom da MIT. Com o pano pronto para ser levantado, o departamento de Jesús Pérez Varela comunicou que de 33.000 euros comprometidos desde há muitos anos unicamente se proporcionariam 21.000. A justificaçom de Cultura som "as despesas do Prestige", porém, a explicaçom a esta decisom da Junta encontra-se, segundo o director da Mostra Rubem Garcia, no facto de a MIT ter decidido premiar Burla Negra este ano "polo seu trabalho e pola dinamizaçom da cultura galega", sendo que, aliás, o pregoeiro da mostra foi Luis Tosar. A isto tudo deve acrescentar-se que a primeira obra a ser representada no Auditório do Castelo de Ribadávia era Alejandro y Ana de "Animalario" o grupo que protagonizou a montagem da entrega de prémios Goya. Rubem Garcia é o director da MIT há muitos anos e ele vê umha mao negra atrás da decisom da Junta porque "na conselharia sabem que este evento é conhecido ao largo do Estado, já que além de estarem grupos da Galiza, venhem também grupos do estrangeiro". No mesmo sentido se expressárom na Associaçom de Companhias Profissionais do Teatro na Galiza, que denunciou a atitude da administraçom "com umha política caprichosa e um nulo projecto cultural de País, a evidenciar o escasso respeito da Conselharia polo teatro".

Fórum Social do Bérzio falará galego

NGZ

O organismo recentemente fundado em Ponferrada aprovou a presença do galego no "documento final, e outros textos do Fórum", assumindo o bilingüismo nas suas intervençons perante a sociedade. O Fórum Social, de ámbito comarcal, é formado por 26 colectivos representantes dos campos do associacionismo vicinal, a defesa da língua, o sindicalismo, o feminismo, as pessoas surdas e o ecologismo, entre outros. A proposta do uso do galego partiu de Fala Ceive e foi aprovada por unanimidade, visando recuperar a cultura e a língua próprias na comarca.

Nova emisora nacionalista na Corunha

NGZ

A oito de Novembro de 2002, um grupo de moços e moças corunhesas vinculadas ao nacionalismo decidiu pôr em andamento RádioCeive. O dezasseis de Março deste ano começárom as emissons, que serám de duas horas diárias de duraçom, de segundas a sextas. Em Julho a programaçom aumentará até chegar às dez horas por dia, nomeadamente, das 12 às 22 horas. Um total de 22 pessoas colaboram nesta aventura. Os requisitos para poder participar som empregar o galego como única língua de expressom e respeitar a linha editorial, baseada no ideário nacionalista. O funcionamento desta estaçom de rádio é democrático e horizontal. Os programas versam sobre diversos temas como a natureza ou o desporto. Às quartas-feiras às oito da tarde emite-se um espaço informativo. O ámbito de difusom compreende quase toda a cidade da Corunha e parte dos concelhos limítrofes como Oleiros ou Culheredo. Rádioceive ouve-se no 106.1 FM do dial corunhês.

O órgao administrador é a assembleia, que se reune cada dous meses para avaliar as necessidades económicas e para confeccionar a programaçom.

radioceive@hotmail.com.

anuncia-te aqui
639 146 523

Inditex reconhece graves irregularidades

■ NGZ

Tal como tinha denunciado Novas da Galiza no número seis, proseguem as evidências de exploraçom laboral em Inditex. A própria empresa reconheceu na última Assembleia Geral de Accionistas, celebrada na Corunha no dia 18 de Julho, a existência de "irregularidades de certa consideraçom" em 10 % das oficinas externas auditadas. Por seu lado, a CIG foi o único sindicato que rejeitou o relatório anual sobre a gestom da empresa. Ainda, fontes da central nacionalista pugérom-se em contacto com Novas da Galiza, com o intuito de apresentar na passada junta de accionistas de Inditex a reportagem publicada por este meio, como prova documental sobre a exploraçom na rede de subcontratas da empresa.

Solicitam rua para Moncho Reboiras

■ NGZ

A assembleia comarcal de Nós-Unidade Popular do Condado, com motivo do XXIII aniversário do assassinato de Ramom Reboiras, solicitou da Cámara Municipal de Ponte Areas umha homenagem ao patriota galego. Na justificaçom de motivos, Nos-UP assegura que Reboiras "foi um luitador de inqüestionável dedicaçom à Galiza e ao Povo Trabalhador Galego , procurando umha Galiza independente". Para a organizaçom independentista Moncho Reboiras é "um exemplo de dignidade, de combatividade e de compromisso". Na solicitaçom, requer-se o baptizado com o seu nome de umha praça ou rua da vila "como homenagem à sua dedicaçom e entrega à nossa naçom".

Iban Gortazar é autor do ensaio
"Los Piratas del Prestige. De la Casa Blanca a la Zarzuela"

"Os fletadores do Prestige mantenhem laços com a monarquia espanhola e o empresariado da direita"

No passado 24 de Julho apresentou-se em Compostela o livro "Los piratas del Prestige", que compila as investigaçons realizadas por Kale Gorria à volta do caso Prestige. A revista de investigaçom e denúncia publicou a exclusiva de que o petroleiro portava também materiais utilizáveis como armas químicas. Iban Gortazar, procedente da equipa de investigaçom de Egin, explica-nos as chaves da pesquisa e os indícios que os guiárom até descobrir as informaçons reveladas.

Em que vos apoiades para afirmar que o Prestige transportava armas químicas?
Há um processo aberto no julgado de Corcubiom que avisa sobre a probabilidade de que houvesse materiais deste tipo no navio. Ademais, os fretadores do Prestige, Marc Rich e Mijail Fridman, som conhecidos traficantes de armas, presentes em relatórios do FBI. Há pouco chegou a Atenas um barco que ia para o Sudám com seiscentos quilos de um material químico semelhante ao semptex, utilizado para fabricar explosivos de grande potência. O barco que portava isto é propriedade de Alpha Shipping, dependente de Alpha Group, o grupo que contratou o Prestige. Rich e Fridman tivérom problemas com os serviços secretos internacionais por traficar com armas em países africanos em conflito. Para além disto, certos movimentos nos dias posteriores ao afundamento figérom-nos suspeitar, como a vontade de bombardear o Prestige com fósforo por parte de Federico Trillo. Deduzímos que havia mais qualquer cousa, mas nom tínhamos a certeza do que poderia ser. Fontes do julgado de Corcubiom confirmárom as nossas suspeitas. Há faxes e documentos em poder de Kale Gorria e da judicatura espanhola que o provam. Além disto, o capitám Mangouras reclama documentos que nom se encontram, como o diário de bordo. Estamos perante a evidência de que se pretendem ocultar provas.

Entom, porque nom sai à luz?
Porque há demasiados interesses encobertos. Poucos dias depois do afundamento, cabeçalhos da imprensa internacional revelam que Rich e Fridman som os fretadores do Prestige. No início, surpreende-nos que seja revelado, mas o PP nom se importa enquanto nom se falar dos laços que tenhem com a monarquia espanhola e o empresariado da direita. Marc Rich tem umha fundaçom no Estado espanhol, a Fundaçom Marc Rich, que estivo presidida por Camilo José Cela, com a rainha Sofia da Grécia e a sua irmá como membros de honra e com pessoas do PP no seu seio. Estas som as informaçons que nom publica a comunicaçom social espanhola. Em 2001, Clinton concede o indulto a Marc Rich (condenado por evasom fiscal a 300 anos de prisom), por ter pago parte da dívida e angariado apoios internacionais. Cumpre salientarmos, dentro dos apoios, os de Camilo José Cela, Fernando Fernández Tapias e Juan Carlos de Borbom, que enviárom cartas a solicitar o indulto.

Quem é Fernández Tapias?
F. Tapias conta no seu empório com Remolcanosa, infelizmente famosa polo Casón, atentado ambiental provocado, segundo o director geral da marinha mercante José Antonio Mariedo. É sócio de Marc Rich, por exemplo, em Alcoa. Libertad Digital revelou que Tapias contratara um barco na Catalunha para transportar água a Menorca, água que foi contaminada polo caminho com pintura do próprio navio, recém pintado. Tapias ordenou abrir as comportas e deitar toneladas de água contaminada ao mar. Há pouco, La Voz de Galicia publicou um breve que informa sobre a decisom judicial de anular o recurso interposto por Uniom Fenosa, com participaçom de Fernández Tapias, e Endesa, de que foi presidente Martín Villa. Ambas as empresas tenhem que pagar dous milhons de euros por despejos, sobretudo de materiais pesados como o chumbo ou o enxofre, atingindo sessenta e quatro mil toneladas, quantidade superior à que deitou o Prestige. Tapias e Villa, que se apresentam como colaboradores no caso Prestige, som os principais contaminadores da Galiza e uns dos empresários que estám a beneficiar da privatizaçom dos serviços.

Que resultados obtivo o PP pola gestom da catástrofe?
Aznar conseguiu que certo pessoal da rede de Marc Rich intercedesse perante a administraçom ianque para ser considerado na invasom do Iraque. Entre o Iraque e a Galiza há um fio condutor: as indústrias petroleiras. Em finais de Junho levanta-se o embargo ao povo iraquiano, mas só para as empresas que colaboram com os EUA. O primeiro dia exportam 8 milhons de barris de petróleo, dos quais 1.200.000 som para Repsol e Campsa. A entrada do Estado Espanhol na invasom relaciona-se com questons económicas, de poder e a tratamentos de privilégio, dado que as empresas alemás e as russas fôrom vetadas. E aqui, Repsol é umha das encarregadas de comerciar com piche, a responsável por retirar o que fica no barco... Os governos jogam papéis importantes, mas as empresas pesam muitíssimo mais do que alguns governos. Nom tenho a menor dúvida de que se Repsol decidisse qualquer coisa que contrariasse a política estatal ámbito dos seus negócios, seria o governo a mudar a política de hidrocarbonetos ou de transporte marítimo.

#PERIODICIDADE: QUADRIMESTRAL

MURGUIA, REVISTA GALEGA DE HISTORIA

Apresentaçom no DIA DA PÁTRIA*

20 € ao ano

*Apresentaçom na Galeria das Letras-FESTIGAL ' 03 às 21:00hrs

Subscreve-te!

Envia-nos os teus dados e enviamos-che o boletim de subscriçom

Nome e apelidos _____ Tlf _____

Endereço _____ Povoaçom _____

C.P. _____ E-mail _____

Investigaçom Fontes Leituras Museus e arquivos Entrevistas Internet

www.revistamurgula.com

reportagem

Opus Dei

O poder na sombra

A prelatura que fundara em 1928 Monsenhor Escrivá de Balaguer goza na actualidade de umha privilegiada posiçom na sociedade galega. A Obra está presente no poder autonómico, nas universidades, nos meios de comunicaçom e mesmo está a assentar umha sólida estrutura no rural do País. Perante as opinions que identificam o Opus com o grande poder económico e como um instrumento de controle social, os membros da prelatura defendem-se a argumentar que o único fim que perseguem é a santificaçom mediante o trabalho.

Antón Álvarez Sanz

Desde que em 1989 ganhou as eleiçons autonómicas Manuel Fraga, o Opus Dei foi escalando posiçons na rede de poder do País. Analisando a presença de fiéis da Obra entre os políticos e conselheiros do Partido Popular, pode afirmar-se que o Opus goza de umha situaçom privilegiada no panorama político da Galiza. Basta assinalarmos que, na primeira legislatura presidida por Fraga (1989-1993), pessoas relacionadas com a Prelatura ocupárom diversas conselharias. Este é o caso da da Presidência, dirigida naquela altura por Dositeo Rodríguez, que na actualidade, é vereador do PP em Santiago de Compostela. Naquele mesmo gabinete, Xosé Manuel Romay Beccaría era o responsável da Conselharia de Agricultura. Este último, que hoje em dia preside o Conselho de Estado, negou em repetidas ocasions a sua pertença à Obra. Nom obstante, diversas fontes asseguram que existe certa afinidade, talvez propiciada polo facto de as suas amizades mais próximas serem do Opus. Na actualidade, diversas fontes vinculam com a Prelatura o Conselheiro da Economia, Xosé Antón Orza.

Na primeira legislatura presidida por Fraga (1989-1993), pessoas relacionadas com o Opus ocupárom várias conselharias

No ámbito da educaçom, a dignidade de maior relevância adscrita à Obra é o reitor da Universidade da Corunha, J. L. Meilán Gil. O actual responsável pola instituiçom corunhesa foi discípulo do ministro franquista Laureano López Rodó e procurador nas Cortes fascistas. Meilán, membro do presente Conselho de Estado, tinha tentado introduzir sem demasiado êxito o Opus Dei na USC, quando era professor de Direito Administrativo em Compostela. Coincidindo com a passagem de Meilán para a Universidade da Corunha, produziu-se umha polémica relacionada com o nomeamento do reitor. A demissom do seu antecessor no cargo, José Antonio Portero Molina, por parte de J. Piñeiro Permuy, conselheiro da Educaçom na legislatura 1989-1993, foi motivada, segundo a versom do cargo do PP, por umha "má gestom para pôr em andamento a universidade". Esta actuaçom levantou umha azeda controvérsia no conjunto de docentes e estudantes da recém criada Universidade da Corunha. Políticos da oposiçom e o próprio Portero interpretárom o facto de ter sido demitido como fazendo parte do propósito do Opus de tutelar esta universidade. Meilán Gil, no poder da reitoria, foi rodeando-se de serventes afins às suas ideias e tentou criar organismos dirigidos por pessoas da sua confiança para influir na sociedade. Por isso, continua ainda imerso na dura batalha para conseguir licenciaturas de prestígio, similares às formadas por profissionais na universidade que o Opus tem em Navarra.

José María Escrivá de Balaguer foi acusado em repetidas ocasions de manter boas relaçons com fascistas europeus e americanos

Nos orçamentos do ano 2.003 da Cámara Municipal de Oleiros figura o projecto de construçom de um auditório, co-financiado pola Universidade da Corunha e concebido pola reitoria para criar, com toda a probabilidade, as infra-estruturas necessárias para albergar o segundo ciclo da Faculdade de Comunicaçom Audiovisual, licenciatura que Meilán sempre quijo para o seu campus. Este assunto sempre enfrentou a universidade corunhesa com a compostelana, pois ambas aspiravam à concessom da tam cobiçada titulaçom. Este nom é o único litígio entre estas duas universidades galegas, já que Meilán também anseia conseguir a licenciatura de Medicina para a cidade herculina. Deve-se ter em conta que as reclamaçons protagonizadas polo reitor corunhês som plenamente apoiadas por Francisco Vázquez, presidente da Câmara da cidade. Este político, embora nom seja oficialmente membro do Opus, comporta-se como tal e sempre mantivo umha excelente relaçom com a Prelatura. Em numerosas oca-

Meilán Gil, reitor da UdC, foi rodeando-se de serventes afins às suas ideias e tentou criar organismos dirigidos por pessoas da sua confiança para influir na sociedade

sions, nos meios de comunicaçom, Francisco Vázquez agradeceu à Obra a educaçom dos seus filhos, que estudárom na universidade privada de Navarra. Assim se compreende que o presidente da Cámara da Corunha participe às vezes em actos organizados pola Obra, como aconteceu em Fevereiro de 2002, quando assistiu na cidade a umha mesa-redonda sobre "o magistério do fundador do Opus Dei como defensor da liberdade pessoal", em que também estivérom presentes Meilán Gil e Francisco Sánchez, director da Escola de Meios de *La Voz de Galicia*, e que também se relaciona com a Prelatura. Em Março do mesmo ano, Vázquez acudiu à localidade espanhola de Pozuelo de Alarcón, onde o Opus tem a sede da associaçom juvenil Club Neveros, para participar num colóquio sobre as conseqüências da imigraçom e do "botelhom". No mês de Junho de 2002, na corunhesa Casa da Cultura Salvador de Madariaga, inaugurara-se umha pomposa exposiçom sobre Escrivá de Balaguer e a história do Opus, acto que contou com o apoio institucional da câmara da cidade e com o protagonismo do seu presidente.

A presença do Opus também tem o seu referente na comunicaçom social. O *El Ideal Gallego*, quando era propriedade da Editorial Celta, estava estreitamente vinculado a esta instituiçom. No que diz respeito ao ente público da Companhia de Rádio-Televisom da Galiza, é conhecido o caso do até há pouco director da Rádio Galega e actualmente secretário geral para as Relaçons com os Meios Informativos, Alfonso Cabaleiro, qualificado por diversas fontes como um membro "progressista" do Opus Dei. Quanto à própria Televisom da Galiza, o ex-director de informativos do canal, Arturo Maneiro, membro declarado da Obra, presidente da Associaçom Galiza (APG) e assessor do director geral da CRTVG, fora acusado há anos polo próprio colectivo de trabalhadores e trabalhadoras do canal de manipulaçom, e mesmo de praticar a censura informativa. Francisco Sánchez, director da Escola de Meios de La Voz de Galicia, vinculado à Prelatura, é conhecido polos artigos de opiniom em que realiza umha ardente defesa da conceiçom católica da família, polo louvor do papa Woytila e por um acentuado puritanismo. A Escola de Meios, no ano 1992, assina com a Universidade da Corunha um convénio mediante o qual a instituiçom académica valida a Pós-graduaçom em Meios de Comunicaçom e, posteriormente, a Pós-graduaçom em Produçom e Gestom Audiovisual, que organiza anualmente a Corporaçom Voz. Em agradecimento, o jornal deste grupo silencia sistematicamente qualquer informaçom que menospreze a figura de Meilán Gil, nomeadamente as denúncias apresentadas contra o reitor por atentar contra a liberdade sindical dos e das trabalhadoras ou por incorrer em incompatibilidade como administrador de umha empresa que tem facturado trabalhos para a sua própria universidade. Nesta troca mútua de reconhecimentos, Meilán Gil investiu Santiago Rey Fernández-Latorre, presidente do grupo empresarial, como doutor Honoris Causa.

Paco Vázquez assistiu a um debate sobre "O magistério do fundador do Opus Dei como defensor da liberdade pessoal", em que estivêrom presentes Meilán Gil e Francisco Sánchez

Dositeo Rodríguez, vinculado ao Opus Dei, ocupou a Conselharia de Presidência na primeira legislatura da "Era Fraga" (1989-1993)

Origens na Galiza

Para datar as origens do Opus Dei no nosso país, cumpre remontarmo-nos ao mês de Julho de 1938, em que Escrivá de Balaguer acode como peregrino a Santiago de Compostela. Para além desta peregrinaçom, o fundador da prelatura realizou outras viagens à Galiza no período de 1943 a 1948, com o intuito de iniciar o trabalho apostólico e com a finalidade de promover diferentes iniciativas "educativas e sociais".

Os primeiros membros da Obra que se instalam na Galiza chegam a Santiago de Compostela a partir de 1943. Entre eles destaca Laureano López Rodó, catedrático de Direito Administrativo em 1945 da facultade compostelana, que desempenharia posteriormente importantes cargos na administraçom franquista: secretario geral técnico do Ministério da Presidência (1956-1962), comisário do Plano de Desenvolvimento (1962-1965) e, desde 1965 até 1973, ministro. Nas suas maos estivo o desenho da política económica do Estado espanhol da altura. O Opus começa a introduzir-se no País, principalmente através da diócese de Tui-Vigo. O seu bispo, Frei Xosé López Ortiz, foi um dos principais impulsionadores do crescimento da Obra na área. Isto ocasionou que Tui-Vigo se verificasse como a plataforma galega de lançamento da Prelatura.

Em Dezembro de 1948 inaugurou-se em Compostela o Colégio Maior "A Estila", centro onde o Opus organizará o desenvolvimento das tarefas apostólicas na Galiza. Anos depois, em começos dos anos sessenta, som abertos novos centros em Vigo e na Corunha. Posteriormente, serám inaugurados outros em Ourense, Ferrol, Ponte Vedra e Lugo.

Por outro lado, entre outros projectos corporativos da prelatura, os membros do Opus Dei na Galiza promovêrom a criaçom das Escolas Familiares Agrárias (EFA's) nas Neves, na província de Ponte Vedra e, na da Corunha, em Coristanco e Arçua. Estes centros som dedicados à formaçom profissional de pessoas das pequenas vilas e aldeias galegas.

Imagem do colégio maior "La Estila". Diversas fontes asseguram que os seus responsáveis praticam a censura, retirando dos jornais as notícias que nom som moralmente aceites.

História do Opus Dei

O Opus Dei é umha prelatura pessoal da Igreja, cujo nome completo é *Prelatura da Santa Cruz e Opus Dei*. Entre os seus objectivos figuram, na teoria, "levar à prática as liçons do Evangelho, mediante o exercício das virtudes cristás e a santificaçom do trabalho". A "prelatura pessoal" é umha figura jurídica, criada no Concílio Vaticano II, que estabelece que umha instituiçom da Igreja -o Opus neste caso- nom se há-de circunscrever a um determinado território (a diócese), e portanto o seu ámbito de acçom é internacional. Neste caso, a Prelatura Pessoal do Opus Dei é dirigida por um bispo (prelado) e é composta por um clero próprio e ainda por laicos, tanto homens como mulheres. No primeiro grupo, encontram-se os supernumerários, os numerários e os agregados. Ao segundo dos grupos, actualmente formado por 70% do total de membros que conformam o Opus, pertencem as mulheres e os homes casados que som fiéis da Obra. O resto dos membros do Opus som pessoas que se comprometem por manter o celibato por razons apostólicas. Alguns vivem sós ou com as suas famílias (agregados) e outros residem em centros da prelatura, desempenhando plenamente as suas tarefas apostólicas (numerários).

O Opus Dei foi fundado no ano 1928 em Madrid, por José María Escrivá de Balaguer. Após a sua criaçom, a actividade da Prelatura começou logo a se espalhar no ambiente universitário e ainda nos arrabaldes operários e por diversos hospitais de Madrid. Depois de o fundador ter estabelecido a sede central do Opus Dei em Roma (1946), a organizaçom continuou a sua expansom geográfica pola América e por diferentes estados da Ásia, da Africa e da Oceania. O Opus, que desde 1943 contava com as necessárias aprovaçons da Santa Sede, foi erigido por Joám Paulo II, a 28 de Novembro de 1982, como prelatura pessoal. Dez anos mais tarde, em 1992, Escrivá de Balaguer foi beatificado. Os actos da sua canonizaçom, organizados por esta poderosa rede que a instituiçom dispersou por todo o mundo, tivérom lugar, com a concorrência de inumeráveis seguidores e seguidoras, no Domingo 6 de Outubro de 2002 na Praça de Sam Pedro do Vaticano.

O Opus Dei foi fundado em 1928 por José María Escrivá de Balaguer. Após a sua criaçom, a actividade da Prelatura começou logo a se espalhar no ambiente universitário e ainda nos arrabaldes operários

AA Prelatura conseguiu a sua máxima expansom desde a chegada ao poder no Vaticano de Karol Woytila

A Praça de Sam Pedro do Vaticano encheu-se no dia da canonizaçom de Escrivá de Balaguer

www.novasgz.com | novasgz@novasgz.com | Telefone: 639 146 523

novas da galiza

Preenche este impresso com os teus dados pessoais e envia-o a NOVAS DA GALIZA, Caixa dos Correios 1069 (C.P. 27080) de Lugo

☐ 1 Ano = 12 números = 20 ☐ ☐ Assinante Colaborador = 30 ☐

Nome e Apelidos _____ Telefone _____

Endereço _____ C.P. _____

Localidade _____ E-mail _____

☐ Nº Conta _____

☐ Junto cheque polo importe à ordem de Minho Média S.L.

Assinatura

reportagem

De se fechar Alúmina, Sam Cibrao poderia ser um novo Macondo, um lugar pantasma sem vida e devorado pola selva

Galiza ou o novo Macondo

Desde o ano 1998, as fábricas galegas de alumínio situadas na Corunha e em Sam Cibrao (Marinha) passárom de ser propriedade pública a cair nas maos da mutinacional Aluminium Compay of America (ALCOA). A passagem de empresa pública a empresa privada tem a ver com a política governamental de ir limitando a participaçom do Estado naqueles sectores que nom lhe parecem estratégicos mas causantes de perdas no erário público.

Por outra parte, a chegada de ares norte-americanos é acompanhada por umha renovaçom que atinge todos os aspectos da vida quotidiana e laboral dentro destas empresas agora privatizadas.

R. Marinho

História de um gigante

Aluminium Company of America foi fundada na década de oitenta do século XIX, quando um estudante de química, Charles Martin Hall, recém licenciado, decidiu procurar um método para extrair alumínio de umha maneira mais barata e sem que supugesse grandes investimentos. Por aqueles tempos o alumínio era considerado um metal semiprecioso, com custe de cinco dólares por libra. Com o sistema de Hall, que consistia em fabricar óxido de alumínio -alumina- cria o seu crisol a base de carbono e um banho de criolita.

Tam-só passárom quinze anos e C.M. Hall, possuia em 1907 fábricas em Canadá e em Pittsburg (USA), graças a ter contado com a ajuda dos grandes capitalistas da costa leste dos Estados Unidos. Os usos do alumínio extendêrom-se à fabricaçom de cabos eléctricos, motores ligeiros e material de cozinha. Nos anos trinta, o preço do alumínio desceu a vinte centavos a libra. Depois da II Grande Guerra, as aplicaçons para o alumínio ampliárom-se de maneira espectacular: construçom, aeronáutica e indústria espacial.

Contudo, todas as luzes tenhem sombras, e ALCOA nom deixou escapar a tentaçom que supunha ser umha multinacional dos Estados Unidos. Durante a década de sessenta financiou revoltas sindicais contra o governo elegido de forma democrática na Guiana (antiga Guiana Británica, na América do Sul). O motivo era pretender manter o status quo, pagando preços dos anos trinta pola bauxita (matéria prima do alumínio) durante as décadas de sessenta e setenta. Logo começou a colocar os seus interesses em lugares como a Jamaica, onde possui fortes interesses em extracçom de bauxita, assim como no Brasil e na Guiné-Conakry (África). Esta política expansiva tivo a sua fase mais importante quando no ano 1999, acedeu às acçons da única empresa que lhe fazia um pouco de sombra nos EUA, ficando com 95% do mercado, quase um monopólio que desafia as leis federais contra este tipo de estrutura empresarial.

Na Europa, foi instalada em vários países como a Noruega, a Gram Bretanha, a Irlanda, a Itália e o Estado Espanhol. A aquisiçom do monopólio espanhol do alumínio, conhecido como INESPAL, Instituto Espanhol para o Alumínio, foi o último passo para parar os pés a empresas europeias como Pechiney, a mesma que ajudou a construir a indústria de Sam Cibrao. A Pechiney, de capital francês, decidiu unir-se com empresas europeias visando desembarcar no Estado Espanhol. Mas após tensas negociaçons e manobras dilatórias do governo espanhol, o consórcio estatal INESPAL, passou a maos americanas perante a surpresa de todos e todas e preocupaçom de sindicatos.

Após tensas negociaçons e manobras dilatórias do governo espanhol, o consórcio estatal INESPAL, passou a maos americanas

O lema de ALCOA continua a ser o mesmo desde o início, "ser a melhor empresa do mundo". Para verificarmos isto chega com darmos umha olhada às actuaçons dentro de umha das suas fábricas, Sam Cibrao.

Macondo pode estar aí

A indústria da Alumina-Alumínio nasceu como resposta às carências de alumina, base da fabricaçom do alumínio. No início, pretendia-se que acabasse instalada nas terras de Ponte Vedra. Os protestos tornárom-se muito fortes e o governo tardo-franquista de 1975 decide que seja a Marinha o lugar onde será situada a nova fábrica. Em benefício desta colocaçom, foi aduzida a escassa incidência das centrais sindicais e a pouca resposta social que haveria num lugar que vivia quase subdesenvolvido. Cumpre assinalar que anos antes tentara-se construir umha central nuclear num dos concelhos em que se situa a fábrica, Jove. O outro concello onde ficaria a indústria seria Cervo, ao qual pertence a localidade de Sam Cibrao.

Entre estes dous concelhos marinhaos foi repartido o corpo de um monstro que precisa do esforço de cinco mil pessoas trabalhadoras efectivas e outras tantas de pessoal auxiliar.

Os começos fôrom umha epopeia. Faltavam infra-estruturas para poder instalar os fornos e as diferentes fases em que seria dividida depois a empresa. Para poder instalar o monstro, abrírom-se estradas que posteriormente nom voltárom a ser utilizadas. Foi construída umha barragem para fornecer água às necessidades de refrigeraçom e higiene dentro da Alumina. As centrais térmicas das Pontes e Meirama fôron criaçons colaterais para subministrar electricidade a um ponto que consome tantos quilovátios como umha cidade de duzentas mil pessoas.

Quem for vítima de um acidente laboral, deve assistir à fábrica mesmo estando lesado

A conseqüência desta instalaçom foi que nom foi criado à margem desta fábrica um cinturom industrial alternativo para suprir a actividade da indústria quando esta faltar. Quer dizer, nom há, por enquanto, alternativa às instalaçons de ALCOA, e isto supom que estejamos perante umha indústria de enclave, que nom deixará nada atrás de si. Tal como acontece em Cem anos de solidom, de García Márquez, quando a fábrica bananeira fica fechada logo depois de umha manobra estratégica dos amos ianques. Da perspectiva dos sindicatos, esta poderia ser a alternativa que fique na Marinha se a fábrica fechar. Seria um novo Macondo, um ermo sem vida devorado aos poucos pola selva.

Protestos sindicais no processo de privatizaçom da fábrica de Alúmina-Alumínio *Fotografia: Xosé Marra*

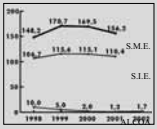
ALCOA por dentro

Segurança é a principal teima das mentes duras de ALCOA: que nom haja nenhum acidente, que se distinga pola responsabilidade acima de tudo. Para isto realiza-se umha campanha contínua de cursos de preparaçom para os trabalhadores aprenderem o uso correcto das máquinas e dos diferentes aparelhos de trabalho. A isto deve acrescentar-se o que os directivos chamam mobilidade laboral, a rotaçom dos trabalhadores por todos os postos possíveis, para suprir possíveis operários e operárias de licença e que o ritmo de produçom nom seja detido nem experimente quedas.

Mas, como conseqüência da venda, nom só se padece a mobilidade laboral. Agora, cada operário ou operária que assiste (obrigatoriamente) aos cursos, assina um papel em que reconhece que assistiu às aulas de segurança e de aprendizagem. Assim, em caso de acidente, as responsabilidades recaem no trabalhador ou trabalhadora, por incompetência ou falta de atençom ao seu trabalho. Desta maneira, quem for vítima de umha queda, escorregue ou choque entre máquinas, deverá assistir à fábrica mesmo estando lesado. O destino destes lesados e lesadas será ocupar lugares dentro de áreas que nom suponham riscos para eles.

Para os sindicatos isto é a armadilha com que ALCOA disfarça os resultados negativos quanto a acidentes. As estatísticas de acidentes decrescem de ano para ano, mas a razom é o facto de nom serem preenchidas as comunicaçons ou pareceres de licença laboral em caso de acidente, ou por nom serem dadas licenças por depressom. Em muitos destes casos, som os afectados ou afectadas que pagam os táxis para se deslocarem ao lugar de trabalho. Em contrapartida, a auditora Price Waterhouse, no seu relatório de 2002, apontou que ALCOA nom informa correctamente a delegaçom de segurança do comité de empresa. Por sua vez, J. M. P., delegado de segurança do comité de empresa, declarou que desde a chegada de ALCOA houvo duas mortes. A primeira por falta de material de segurança que devia ter proporcionado a empresa auxiliar para a qual trabalhava o falecido e que ALCOA nom exigiu a esta empresa auxiliar. Este caso está à espera de resoluçom judicial. Outro caso de morte foi segundo a empresa "um suicídio", ponto muito questionável para J.M.P. Nom surpreende, com este panorama, que ALCOA fosse obrigada por duas vezes a reconhecer acidentes laborais que tinham sido definidos pola empresa como licenças por doença.

ÍNDICE DE SINISTRALIDADE LABORAL



Índices de:
Sector Metalúrgico Estatal, Sector Industrial Estatal, ALCOA

Índice de incidência
número de acidentes com posterior licença médica acontecidos durante a jornada de trabalho por cada mil trabalhadores expostos a risco (Ministério de Trabalho).

Fontes: Ministério de Trabalho / ALCOA

Mediante diferentes mecanismos, ALCOA consegue disfarçar as licenças médicas de maneira que estas nom sejam reconhecidas oficialmente.

Nom há alternativa às instalaçons de ALCOA em Sam Cibrao. Estamos perante umha indústria de enclave, que nom deixará nada atrás de si.

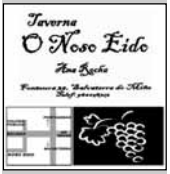
Tio O'Neill

De director geral de ALCOA a chefe do Departamento do Tesouro de George W. Bush

Foi chefe do departamento do tesouro nos EUA com o governo de Bush filho, e antes, director geral de ALCOA. Foi o instigador da compra do mercado espanhol com a carteira de clientes. Paul O´Neill foi mesmo capaz de ir até Uganda com o vocalista Bono de U2, para conhecer a escassez que sofre o país africano. Umha excelente política de imagem aprendida após muitos anos em ALCOA, lavando a cara de umha multinacional que oculta os números dos acidentes.

Os novos comportamentos implementados pola multinacional americana, nom parecem oferecer um panorama seguro para as pessoas que habitam a Marinha.

(Na fotografia, O Tio O'Neill com Bono na sua gira africana)



Festival da Poesia lembra vigência dos berros "Nunca Mais" e "Nom à guerra"

A XVII ediçom está dedicada à activaçom da sociedade galega nos últimos meses

"Verbas para nom esquecer" é o lema que define o Festival da Poesia no Condado que vai ser celebrado entre os dias 3 e 6 de Setembro em Salvaterra do Minho. Mediante este lema, a Sociedade Cultural e Desportiva (SCD) quer salientar a relevância adquirida polo movimento social emergido após a tragédia do Prestige, assim como a oposiçom à guerra imperialista. A equipa organizadora defende a vigência e a necessidade da activaçom popular, e por esta razom fai um chamamento "nom esquecer" as palavras de ordem "Nunca Mais" e "Nom à guerra", como símbolos da acçom da base contra as afrontas do poder.

NGZ

Reuniom de umha comissom da equipa organizadora do XVII Festival da Poesia no local da SCD Condado, em Salvaterra do Minho.

O Condado assiste novamente à consolidaçom de um festival que se converteu em referente cultural da comarca a todos os níveis. A ediçom do ano passado retomou o evento, depois de seis anos de espera, servindo para reactivar umha SCD que já sentia a necessidade de voltar ao rego após ter organizado umha ambiciosa homenagem a Suso Vaamonde. Con fôlegos renovados e um grupo de trabalho assente, o colectivo decidiu-se a retomar anualmente a celebraçom do Festival da Poesia, com o convencimento de estarem a organizar o festival poético mais importante da Galiza e um dos maiores acontecimentos literários do Estado.

A ediçom deste ano apresenta "um projecto ambicioso e um programa superior ao dos passados", incluindo poesia com música, pintura, escultura, fotografia, jogos populares, aeromodelismo e audiovisuais, para além de outras actividades que já integrárom o festival do ano passado. A organizaçom assume "os riscos que corremos no que a orçamentos diz respeito", dado que o custo económico da presente ediçom supera os trinta mil euros. Porém, a SCD está a trabalhar desde há meses para fazer possível "um novo e melhor festival".

A festa poético-musical, parte central do evento, será apresentada polo actor Carlos Blanco e terá lugar no sábado 6 de Agosto a partir das 20 horas. Quanto à poesia, a comarca volta a estar representada por Kiko Neves e conta como novidade com o jovem Brais González. Se bem que a anterior ediçom estivesse centrada em poetas e poetisas novéis, a deste ano junta artistas consagrados como Manolo Rivas e Miguel Anxo Fernanvello acompanhados por novas vozes como Daniel Salgado, Fátima Peón e Samuel Solleiro. Da lusofonia estarám presentes a portuguesa Ana Silva Faria e o brasileiro José Carlos Lima, e de Euskal Herria, Jon Etxeaindia. Como cada ano, será editado un livro composto por dous trabalhos de cada poeta e poetisa participante que se há-de apresentar em Salvaterra, Vigo e Compostela no dia 2 de Agosto.

Esta ediçom apresenta "um projecto ambicioso e um programa superior ao das anteriores". Poesia com música, pintura, escultura, fotografia, jogos populares, aeromodelismo, audiovisuais...

O recital poético será acompanhado polas actuaçons musicais dos grupos de folque Malvela e Treixadura, os de roque Ruxe-Ruxe, o cabo-verdiano Luis de Matos e o espectacular grupo luso-brasileiro Big Fat Mamma. Antes do festival poético-musical e no mesmo sábado, a festa começa às 11 horas com um cortejo musical (passa-corredoiras) por conta de Som do Minho e a actuaçom dos Gaiteiros de Melide, que serám apresentados por Rubén, o palheteiro do Íncio. Continua com a abertura das exposiçons de barcos fluviais e com a posta em funcionamento do comboio de baixa velocidade que percorrerá a vila. Desde as 17 h, as crianças terám o seu espaço no Parque da Canuda, onde se realizará umha exibiçom de aeromodelismo, jogos populares e a actuaçom dos títeres de Tanxarina. O dia de início do Festival é 3 de Agosto, jornada em que abrirám as portas as exposiçons de escultura (pedra e bronze, Xosé Luís Penado), madeira (Valentina G. Abalo), fotografia (Areia Negra, memória visual do caso Prestige por fotojornalistas galegos), humor (Museu de Fene), barcos fluviais (maquetas do Minho e do Lima) e pintura. Estas terám lugar nas Covas de Dona Urraca, na Casa do Conde e na Praça do Castelo. O dia 4 será dedicado ao audiovisual galego, com a projecçom de um documentário sobre o Prestige e vários curta-metragens. E para a véspera do dia grande, celebra-se umha serenata de Cabo Verde nas Covas de Dona Urraca, com a participaçom da célebre voz de Ana Firmino a partir das 23 horas, com comida cabo-verdiana incluída.

O Festival pretende "difundir cultura viva como mostra da nossa força como povo"

S.C.D. Condado

A Sociedade Cultural e Desportiva do Condado fundou-se na clandestinidade em 1.973. Desde entom tem desenvolvido numerosas actividades, centradas na organizaçom de certames, actos desportivos, reivindicativos, musicais, culturais e populares, como o Festival da Poesia que organiza desde 1.981. Na actualidade conta com 173 sócias e sócios, que incluem activistas e pessoas colaboradoras. Hoje em dia é formada por boa parte do grupo histórico que trabalhou no festival e ainda um núcleo de gente nova que aderiu à Sociedade. Na ediçom deste ano pretendem "difundir cultura viva como mostra da nossa força como povo" e, sobretudo, "divertir-se".

moncho reboiras

Moncho Reboiras: mito e ocultaçom

Ramom Gonçalves

Nom é fácil enfrentar umha análise minimamente coerente e com certa vontade de clarificaçom a respeito da figura de Moncho Reboiras e do seu tempo já que ambos estám cobertos por umha visom estereotipada através de consignas a modo de pesaroso epitáfio. Corresponde à historiografia nacionalista arquitectar umha outra imagem séria e rigorosa e assente numha metodologia nom sectária, da figura de Reboiras, afora de interpretaçons poupadas e complexos partidários. Nom devemos pois estudar esse tempo e essa figura nacional a partir de conceiçons metafisicas e meramente martirológicas (que contradizem radicalmente o pensamento de Reboiras e da sua geraçom de combate) mas a partir da análise de um contexto particular.

Apesar das fotos, epitáfios, cartazes ... Moncho Reboiras continua a ser um desconhecido para o nacionalismo galego e nenhum favor faremos à sua recuperaçom histórica (por outro lado urgente e necessária) se sob as consignas retumbantes de cada Agosto galego nom desentranhamos com correcçom o seu pensamento político. Corresponde pois à historiografia patriótica resgatar Reboiras da gaiola de epítetos vácuos em que mal foi recluído.

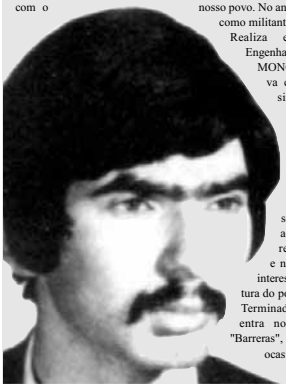
Nom pretendemos destas páginas substituir a história e a historiografia do nacionalismo mas criar memória política e interpretaçom ideológica longe da luita pola herança do patriota.

Do Novas da Galiza desenvolvemos um trabalho de socializaçom e recuperaçom da nossa história nacional, e nesse sentido estamos a preparar um artigo especial sobre a vida de Reboiras. Mas neste número de Agosto nom queriamos deixar passar a oportunidade de publicar um texto tirado do Terra e Tempo de Agosto de 1975 em que os camaradas de Reboiras recordam a sua luita e o seu exemplo.

MONCHO: recolhemos o teu fuzil e o teu exemplo

José Ramom Reboiras Noia - MONCHO-, nasceu há 25 anos en Dodro (Padrom). Pertencia a umha família camponesa que, como outras muitas, tivo de se transferir à cidade à procura de melhores condiçons de vida.

Em Vigo, combina os estudos secundários com o trabalho de atendimento à loja que os seus pais abrírom na altura. Sente no seu próprio corpo a opressom nacional da Galiza: o baixo nível de vida no campo, o conflito lingüístico... Interessa-se em profundidade polos problemas da Galiza, e toma consciência da exploraçom colonial do nosso povo. No ano 1969 adere como militante à UPG.



Realiza estudos de Engenharia Técnica. MONCHO contava com grandes simpatias no ambiente estudantil, tanto pola sua seriedade profissional como polo seu papel activo na luita reivindicativa e na defesa dos interesses e da cultura do povo galego.

Terminado o curso, entra nos estaleiros "Barreras", onde tem a ocasiom de conhecer na própria pele a exploraçom capitalista, situaçom que aproveita para estudar com profundidade os mecanismos utilizados pola patronal (chefes, confidentes ...) e ainda a forma de combatê-los. Consolida a sua consciência de classe e reforça a sua determinaçom de luita.

Entregue em cheio à luita de Libertaçom da Galiza, desloca-se primeiramente a Ferrol, onde trabalha em ASTANO, e, posteriormente, à Crunha, entrando como operário em INTELSA. Desde o seu ingresso nas fileiras da UPG, MONCHO entendeu que numha revoluçom, ou se triunfa ou se morre, por isso a sua actuaçom foi sempre coerente com o seu pensamento. A repressom sabia-o e andou sempre à procura dele: no ano 1972, enquanto estava na tropa, foi interrogado na esquadra por Waldo L. Mazaira, chefe da polícia de Vigo.

Compreendendo a necessidade da violência para eliminar o poder do imperialismo e o seu defensor, o regime fascista, MONCHO empreende, junto a outros companheiros e companheiras, um novo método de luita na Galiza: a luita armada.

Em Abril de 1974 tem um enfrentamento com as forças da Guarda Civil num monte perto de Monforte. Cercado por grande número de guardas civis e da "Brigadilla", consegue, pola sua serenidade e com o apoio do povo, burlar o cerco. Desde entom, continua a luita nas difíceis condiçons da clandestinidade, sofrendo unha implacável perseguiçom. Mas isso nom o impede de levar adiante a sua actividade político-militar, assestando golpes consecutivos à ditadura terrorista.

No passado dia 12 de Agosto, foi localizado em Ferrol e cercada a casa em que se encontrava junto a outros dous compañeiros, por 350 polícias e numerosos "secretas" da BPS. Perante esta situaçom e dado que era o único que estava armado, MONCHO realiza o seu derradeiro acto heróico e revolucionário: com o seu valor e a sua decisom facilita a saída dos dous companheiros, centrando nele a atençom das forças policiais.

Apesar da diferença de forças, a polícia demorou mais de duas horas a alcançá-lo e, depois de vários intentos, consegue, finalmente, seguindo un rasto de sangue, localizá-lo numha portaria e assassiná-lo.

Os militantes da UPG nom esqueceremos nunca o nosso companheiro MONCHO que, com o seu espírito de sacrifício, com a sua entrega total e revolucionária à causa da Libertaçom Nacional e Social do povo galego, foi um dos principais responsáveis pola conversom da UPG numha organizaçom verdadeiramente proletária, ao serviço das classes trabalhadoras galegas.

MONCHO é hoje um símbolo, um exemplo para todo o povo galego na luita por umha Galiza Livre e Socialista.

MONCHO:
RECOLHEMOS O TEU FUZIL
E O TEU EXEMPLO

Tirado do Terra e Tempo correspondente ao mês de Agosto de 1975.

O texto foi adaptado a galego-português actual.

portal galego da língua

III Jornadas VI Descida em Defesa da Língua

O MDL organiza no último fim-de-semana de Agosto a VI Descida em Defesa da Língua e as III Jornadas da Língua de Tui.
O objectivo principal desta jornada é conseguir que as meninhas e os meninhos educados em galego nom se sintam isolados, que podam estabelecer e fortalecer relaçons com outras crianças educadas também em galego. Para verem que nom som estranhas por falarem a sua língua. Para sentirem que nom tenhem que falar outra língua para se relacionarem com as outras.

'A Fouce' em galego reintegrado

'A Fenda', marca vinculada à editora Minho Média, SL, responsável pola publicaçom do periódico Novas da Galiza, lança o seu primeiro título.
Umha compilaçom de textos do histórico jornal 'A Fouce', publicado na Argentina nas décadas de 20 e 30 pola Sociedade Nazonalista Pondal e que se tornou um dos mais importantes da emigraçom galega, é o primeiro livro publicado pola Fenda, com o qual a editora abre o caminho de um projecto dedicado à publicaçom de livros galegos em grafia reintegracionista.

Encontro luso-galaico de jogos populares

A celebrar no próximo dia 6 de Setembro do 2003 a partir das 18:00 horas nos jardins de Ribadávia dentro das Festas do Portal, festividade local. No acto participarám crianças da Galiza e Portugal, e haverá música com a agrupaçom musical portuguesa "Os Zés Pereiras". Organizam: AGAL, ASPGP, Concelho de Ribadávia e Concelho de Montalegre.

'Çopyright' publica números 87 e 88

Esta Revista Literária de pensamento crítico e criação, chega já aos 7 anos na rede. Foi o tempo em que caíram as estátuas (número 87), e Os sinais de passagem e outros poemas, de Iza Quelhas (número 88), som os novos textos da Çopyright, uma revista literária na rede, de grande trajectória e que reúne numerosos contributos de diversos autores e autoras durante os seus já 7 anos de vida.

Maior presença da Galiza na actualização do Dicionário de Literatura de Jacinto do Prado Coelho

Lois Magarinhos

A Editora Figueirinhas lançou o primeiro volume de actualização do Dicionário de Literatura (Portuguesa, Brasileira, Galega, Africana e Estilística Literária), de Jacinto do Prado Coelho, no dia 9 de Abril, pelas 18 horas, na Livraria da Biblioteca Nacional.
A apresentação da obra esteve a cargo de Eduardo do Prado Coelho e dos coordenadores, Prof. Doutor Ernesto Rodrigues, Prof. Doutor Pires Laranjeira e Dr. Viale Moutinho.
Nesta nova fase, a coordenação dos volumes de actualização esteve a cargo de Ernesto Rodrigues (Literatura Portuguesa), Pires Laranjeira (Literaturas Brasileira e Africana) e José Viale Moutinho (Literatura Galega). Entre os colaboradores e colaboradoras, contam-se Álvaro A. Dória, António Cândido Franco, António Coimbra Martins, Álvaro Manuel Machado, Annabela Rita, António Rebordão Navarro, Álvaro Salema, António Valdemar, Baptista-Bastos, Fernando Campos, Fernando Guimarães, José Augusto França, José António Gomes, José Manuel Mendes, Luís Amaro, Aliete Galhoz, Paula Morão, Serafim Ferreira, Urbano Tavares Rodrigues e Vergílio Alberto Vieira.
Entre as novas entradas relacionadas com a Literatura Galega destacam as referências ao Dia das Letras, à importância da Guerra Civil na nossa literatura ou a novos e novas autoras como Iolanda Castanho.
A actualização desta obra fundamental, ainda hoje o principal título de consulta literária em Portugal, compreende três volumes, num conjunto formado por cerca de 800 novas entradas, em aproximadamente mil páginas. Inclui também a actualização bibliográfica de verbetes já existentes no Dicionário e, como novidade, várias entradas dedicadas às literaturas africanas de expressão portuguesa.

Poemário em norma AGAL 'Entre os teus olhos', pronto para ser distribuído

Difusora de Artes, Letras e Ideas publica este primeiro poemário assinado polo sócio da AGAL Artur Alonso Novelhe, e ilustrado por Marta Vega

agal-gz.org

"Com a singeleza que caracteriza o processo criador, sem dar respostas, sem afirmaçom ou suposto, na ambigüidade que delinha nosso ser, na entrega profunda a troca de nada, nascem aqui estes poemas de amor, de amizade, de identificaçom com a terra, com o espaço, a paisagem... E afinal, o que é poesia senom umha forma de viver, umha focagem, umha luz sobre a paisagem... tudo quanto acontece visionado deste ângulo próprio, dessa forma de estar, de integrar-se e criar que impinge a alma do poeta... Eis pois estes poemas recém-chegados, mas nem por isso menos necessários, lede-os, escuitai-os, fazei deles quanto a bem vossa alma indique, pois no final de contas para vós fôrom escritos ... "
O poemário consta de um poema inicial, mais onze enumerados de 1 a 11, e um poema final subordinado ao título 'Na tua memória'. Para fazer-mos boca, avançamos um trecho do poema número 5:

"Se fosse umha árvore
nom houvesses dormido
em meu leito
nem acovilhar com frescura fingidez
teus ramos a céu aberto
na verde folhagem
mas se fosse umha pedra
atirar-me-ia seguro à lagoa
para nunca mais voltar
a ver o teu desprezo
naquela tarde que imaginei
um local onde contigo abrigar
meus pensamentos
(...)"

Artur Alonso Novelhe (México D.F., 1964), cursa estudos primários e secundários em Ourense, onde obtém também o título de Perito Mercantil. Na actualidade é funcionário. Este é o seu primeiro livro de poesia; tem publicado poemas na revista Agália, e também tem colaborado na revista de solidariedade Outras Voces.

Formas e Espírito da Galiza em Buenos Aires

Entre os dias 12 e 26 de Julho estivo aberta na Sala Artur Quadrado da Federaçom de Sociedades Galegas umha exposiçom de pintura e artesanato organizada pola Associaçom Civil Amigos do Idioma Galego. Os motivos galegos centravam o conjunto da obra de vários homens e mulheres, artistas que queriam tributar pública homenagem à Galiza no dia da Pátria.
O acto de inauguraçom, celebrado no dia 12 de Julho, converteu-se num autêntico fórum de galeguidade. A assistência superou o centenar de pessoas, muitas delas participantes nos Cursos de Língua e Literatura Galegas dirigidos por Higino Martins e Maria Antónia Luna. Como "especialmente emotiva" qualificam alguns e algumhas das participantes a presença no acto da Deputada Maria Pilar Garcia Negro.
No 25 de Julho a Federaçom organizou no teatro Bambalinas um festival artístico para celebrar o dia da Pátria. Ao finalizar a reuniom, os assistentes celebravam um convívio na Sala Artur Quadrado e muita outra gente tivo oportunidade de ver a mostra.

Revista Agália 73-74, já disponível

A Revista Agália, revista internacional e órgao de expressom da Associaçom Galega da Língua, editada trimestralmente desde 1985, acabou de sair a lume com os números 73-74 (1º semestre de 2003). Mais umha vez interessantíssimos estudos, notas, relatos, recensons e um percurso polas notícias de actulidade dos primeiros seis meses deste ano, enchem as suas páginas.

Gestora da AGAL na Corunha

Na Corunha a sede social da Associaçom Cultural O Facho acolheu umha reuniom de trabalho do presidente da AGAL. No acto participárom várias pessoas interessadas nas dinámicas galeguizadoras da cidade, entre elas Luís Maçás (presidente do Facho) e o sociolingüista e tradutor Mário Herrero Valeiro. Como resultado desse encontro, salienta a disposiçom da histórica associaçom corunhesa para umha colaboraçom pontual nas actividades promovidas pola AGAL.

AGAL-Ourense contacta com a sociedade da cidade

Bernardo Penabade e José Manuel Barbosa apresentáromse aos colectivos políticos e sociais da cidade de Ourense num dia pleno de esperança e fraternidade. Assim foi no sábado dia 19, assim foi a culminaçom do Pulso ao País que realizou a Associaçom Galega da Língua nos dias 17, 18 e 19 do mês de Julho.
O grupo local AGAL-Ourense, sob a coordenaçom de José Manuel Barbosa preparou umha jornada muito intensa dividida em três partes bem diferenciadas. De manhá, acto com os colectivos da cidade, à tarde reuniom do grupo local, e à noite ceia de confraternizaçom.

AGAL ASSOCIAÇOM GALEGA DA LÍNGUA
www.agal-gz.org

música

BANDAS INTERNACIONAIS NA NOSSA LÍNGUA

Davide Loimil e Inácio Gomes

Já no nosso anterior artigo incidíamos nas possibilidades que de Portugal se nos ofereciam a respeito de festivais para o verao. Nesta ocasiom gostaríamos de incidir num outro atractivo que Portugal, e outros países da lusofonia, representam (ou deveriam representar) para o público galego. Porque pensamos que também no ámbito musical, embora continue a ser maioritária a indústria anglo-saxónica, continuamos a manter umha excessiva dependência do espanhol e de todo o seu universo. Com este pequeno contributo interessa-nos chamar a atençom para a existência de um mercado musical feito em português que oferece ao público novas referências no nosso idioma e que além disso poderia até alargar horizontes e vias de saída para as nossas bandas. Valentim R. Fagim expressava-o assim: "Se o espanhol é o referente de oposiçom, devemos minimizar até ao imprescindível as nossas interacçons com ele e isto só se pode conseguir através das outras variedades do nosso idioma, quer o português, quer o brasileiro, língua nacional nos respectivos países" (revista Rádio Rahim -Soundsystem- núm. 1).
Aqui ficades com duas simples amostras de Portugal e Brasil, Mind Da Gap e Planet Hemp, que esperamos completar em novos números do NGZ. Em todo o caso, convidamos-vos a vos deter um bocadinho e explorar o que a lusofonia nos pode oferecer (e também nós, da Galiza, a ela) a nível musical e em quase todos os estilos.

MIND DA GAP

Os Mind Da Gap, banda de hip hop do Porto, deram-se a conhecer lá polo ano 95, com a estreia de um EP homónimo, que chegaram a editar depois de se terem feito notar com umha simples maquete no programa "Rapto" de José Marinho em Antena 3. No ano seguinte, assinaram ainda umha histórica colaboraçom com os Blind Zero, que rendeu o celebrado EP "Flexogravity", um nome comum a praticamente todas as listas de melhores discos do ano. Foi a primeira vez (em muito tempo, polo menos) que dois grupos entraram em estúdio para gravar um único disco. E os resultados ficaram na memória de todos: uma colisom única entre rock e hip hop que fez com que a música portuguesa avançasse mais uns passos.
Para Dezembro desse mesmo ano 1996, os Mind Da Gap deram início ao registo de maquetes para o primeiro álbum. Contactos internacionais trouxérom-nos o nome de Troy Hightower, que estivo em Portugal em Maio para misturar os 15 temas do álbum de estreia dos Mind Da Gap, dando-lhe o "toque secreto" do som dos discos de hip hop norte-americano. Neste álbum, além da produçom de luxo a cargo de DJ Serial e do som de ataque de Troy Hightower, estám em clara evidência as rimas de Ace e Presto, dous exímios praticantes na arte de vergar as palavras à sua vontade, contando histórias que vam do típico "dealer" da Sé, até ao próprio Hip Hop, passando polo conflito Norte-Sul. Há um universo inteiro a descobrir neste álbum.
No o ano 2000 edita-se o ansiado segundo LP, intitulado "A Verdade". O primeiro single extraído deste cd, dá polo nome de "Todos Gordos", e é um bombástico exercício de batidas e rimas energéticas que funciona igualmente como umha declaraçom de intençons que desbrava a filosofia de comunidade inerente à sua música. Este cd estava chamado a colocar Mind da Gap em particular, e o hip hop em geral, num posto de privilégio dentro da música portuguesa.
No passado ano editaram o seu último cd até ao dia de hoje, intitulado "Suspeitos de Costume" , em que colabora, entre outros, o B boy galego "El Puto Koke". Um trabalho redondo elaborado com base nos mesmos ingredientes que empregaram nos seus anteriores cd's e com umha produçom excelente.

Mind da Gap

PLANET HEMP

Umha outra aposta no hip hop, neste caso com umha mais explícita mistura de rock, chega do Rio de Janeiro da mao dos Planet Hemp. Aparacem em 1993, e dous anos depois assinarám um contrato com a Sony Music, lançando, em 1995, o CD "Usuário". Com este CD consolidarám e mesmo ampliarám o sucesso gerado pola banda entre o público mais jovem, seduzindo com uns espectáculos ao vivo marcados polo combate e a festa. Neste primeiro trabalho, além de alguns temas que rapidamente se convertêrom em sucessos, incluía-se a polémica "Porcos Fardados", umha crítica à violência policial.
A banda madurará partilhando palcos com as mais grandes figuras do hip hop internacional, como Beastie Boys ou Cypress Hill, e assim chegarám à gravaçom de "Os Cães Ladram Mas a Caravana Não Pára", no final de 1996. O CD, mixado nos EUA, reportará à banda o Disco de Platina, colocando-os já num primeiro plano a nível internacional, com um estilo muito particular que experimenta através de umha imaginativa mescla entre a psicodelia das guitarras, o rap dos vocalistas e as muitas outras influências da banda. Nom obstante, este reconhecimento nom lhes servirá para ficarem impunes da justiça brasileira, que levará avante umha estratégia de repressom contra a banda principalmente polo compromisso exprimidio nas suas letras, especialmente com a legalizaçom da Cannabis. Aí temos o exemplo de "Legalize Já", tema que foi censurado, para além de actuaçons canceladas, etc. Em 2000 o Planet Hemp conclui o seu mais recente trabalho, "A Invasão do Sagaz Homem Fumaça".

A ESMORGA
REVISTA MENSAL DA MOCIDADE GALEGA
RENOVAÇÃO
A MOCIDADE GALEGA DA CULTURA
embgalega@hotmail.com
monchodefidalgo@terra.es
LOCAL SOCIAL REVOLTA
Rua Real, 32
Apdo. 287 - 36200 VIGO
CASA DAS CRECHAS
Via Sacra, 3 - 15704 Compostela
info@casadascrechas.com
ARTÁBRIA
Rua Madalena, 31
C.P. 15402 Ferrol
GALIZA

a entrevista | Guillermo Rodríguez, director d'*A Peneira*

"A nossa independência permite que nom tenhamos que esconder a cabeça diante de poder nenhum"

Carlos Barros

A poucos meses do vigéssimo aniversário, *A Peneira* continua viva como o periódico decano da imprensa comarcal galega. Guillermo Rodríguez, o actual director, acompanha o jornal desde o seu nascimento com responsabilidades no campo editorial e no empresarial. Depois de ter resistido este longo período de tempo, *A Peneira* encara um processo de ampliaçom de capital e renovaçom para garantir a independência e o futuro de um meio de comunicaçom feito para o País.

Como surge a ideia de fundar um jornal como *A Peneira*?
A princípios da década de 80 tomei conta das correspondências de La Voz e do Faro no Condado, meios em que tivem problemas no momento de publicar notícias analíticas. Na altura tínhamos um grupo de amigos procedentes de diferentes ámbitos que nos juntávamos numha casa para termos reunions, falarmos e divertirmo-nos. Surgiu entre nós a ideia da necessidade de analisar o que estava a acontecer em Ponte Areas e na comarca, e a melhor maneira que vimos para o fazer foi mediante um periódico, o que nos levou a fundar *A Peneira* em 1984.

Com que objectivos saístes à rua?
Queriamos opinar sobre o que acontecia na comarca, nomeadamente sobre a situaçom de Ponte Areas, acerca de questons que nom cabem nos jornais diários com difusom no Condado. Mantivemos e mantemos umha perspectiva nacionalista, mas nom partidista, e publicamos o jornal integramente em galego. Na momento em que saímos à rua havia muitas forças nacionalistas e vivia-se um processo de emergência do movimento, mas na altura, o nacionalismo nom tinha o peso específico nem o esclarecimento que tem hoje. Mantivemos posiçons muito claras e definidas, e isto no início assustou muita gente, mas mantivemo-nos com dignidade e independência até hoje. Isto nom quer dizer que naquele momento tivéssemos umha linha mais radical, apenas defendemos a nossa orientaçom, respeitando o princípio de pluralidade e sem renunciarmos a publicar o que nós quigemos.

É *A Peneira* um jornal independente?
Com certeza. É por isso que andamos sempre em números vermelhos. A nossa independência é total. Com o nosso critério, com a nossa subjectividade, cada pessoa que escreve n'*A Peneira* tem o seu ponto de vista. Pode ser errado, pode ser discutível mas, polo menos, nom se submete a nenhum poder fáctico, económico, religioso ou de partido. Damos a nossa opiniom, informamos, e o nosso trabalho está aí, espalhado polo periódico. Temos colaboradores e colaboradoras diferentes, de conservadores a radicais, anarquistas... mas para nós a liberdade de expressom deve estar acima de tudo. Por estas razons fomos várias vezes aos julgados e também por esta razom o jornal ficou sempre absolvido.

Guillermo Rodríguez é director do periódico galego de informaçom geral A Peneira

Fala-nos de algum dos vossos sucessos jornalísticos.
Há dez anos o Opus Dei solicitou, de graça, a concessom do terreno e do edifício de umha escola que pertencia a umha fundaçom das Neves. Do patronato estavam dispostos a cederlho, e isto foi contestado polo nosso jornal e polo próprio sacerdote da paróquia. Apoiando o Opus estavam o presidente de Cámara das Neves e o bispo de Tui-Vigo, mas nós defendemos até à morte a paralisaçom da operaçom e a retirada dos pedidos do Opus Dei. Colaboramos com a vizinhança e com as pessoas opostas e conseguimos entre todas e todos que o projecto de usurpaçom dos terrenos nom fosse levado avante.

Como resististes economicamente tantos anos?
É umha pergunta difícil de responder. Nom sei bem como. Sei que resistimos e que estamos aqui, mas às vezes pergunto-me como é que conseguimos chegar. A publicidade foi fundamental, talvez 80% das receitas. Nom recebemos ajudas institucionais para além de algumha publicidade de algumha cámara municipal. Com o governo tripartido na Junta obtínhamos algum subsídio, mas com a chegada de Fraga, as ajudas da Junta limitárom-se a algumha publicidade esporádica e 10.000 pesetas por número editado, 240.000 pesetas anuais, das quais só chegámos a receber 200.000. Umha quantidade assim nom sustenta um periódico como o nosso. Aliás, para receber subsídios existe o requisito de usar a normativa oficial na publicaçom, e nós respeitámos sempre a liberdade na norma de quem escreve. Em contrapartida, a nossa independência permite que nom tenhamos que receber chamadas telefónicas de ninguém nem esconder a cabeça diante de poder nenhum.

Por que há também espaços para o PP no periódico?
Eis o esclarecimento da independência, que nom significa partidismo. Somos nacionalistas e de esquerda, defendemos o idioma e o País, mas estamos numha zona dominada por governos de direita. Precisámos de publicidade, mas a razom principal é que nom queremos tornar-nos em porta-voz de nenhumha opçom determinada. Nom seria sério. Nom podemos excluir ninguém. Nom acontecem as cousas que nós queremos nem como nós as queremos, mas acontecem. Nom há nisso nenhumha contradiçom e o jornal tem que ser livre, sem nos tornarmos um panegírico de ninguém, e sem que isso signifique renunciarmos à nossa orientaçom própria. O periódico nom é de ninguém, comunica.

Porque o nacionalismo nom consegue editar um diário?
A principal causa é que o nacionalismo galego é, por enquanto, um nacionalismo de pandeireta, nom é sério. Nom é explicável que haja 200.000 votos para o BNG e que nem 10% desses votantes sejam capazes de manter um jornal diário. Nom falo de um folheto, mas de um periódico galego que defenda a Galiza, com credibilidade. A prova temo-la no País Basco, onde é fechado um jornal e aos quinze dias há 1.000 milhons de pesetas na mesa para colocar outro na rua. A Nossa Terra nom é capaz de ultrapassar o semanário, e se nom tivesse umha editora de livros já teria fechado. Mas a culpa é dos nacionalistas, que nom apostam a sério em projectos para o País. Um ou umha nacionalista numha situaçom como a da Galiza, tem que ser umha pessoa comprometida com o seu ideário, se é que o tem. Nom é questom de modas.

Quais os vossos principais reptos?
A minha ilusom é que viva vinte anos mais, com pessoas a renovar o jornal e podam conseguir a periodicidade semanal, mas isto exige ampliar infra-estruturas, e evidentemente implica custos difíceis de assumir. Estamos em cheio numha ampliaçom de capital e esperamos que no vigéssimo aniversário esteja finalmente assente o futuro do jornal com novas forças e um caminho mais aberto. Mas o futuro está por escrever e esperemos poder escrevê-lo entre todos e todas.

Decesso

Xan Carlos Ansia

"Gostaria de ir ao teu enterro. Cantar no teu funeral. Mandar-che umha coroa. Assinar no livro de assistentes ao passamento. Dar os pêsames aos teus parentes. Ser um dos quatro que levasse o teu caixom. Estar no velório toda a noite. Pôr-che um bilhete necrológico no jornal. Dedicar-che umhas necrológicas. Lançar-che terra quando o caixom descesse ao nicho. Colocar a laje da tua sepultura. Ser o último a ir-me embora do cemitério. Assistir de luto ao cortejo fúnebre. Emocionar-me com o responso. Suplicar polo teu descanso eterno. Pagar catorze missas para que a tua alma nom passasse polo purgatório e fosse direitinha ao céu.
Mas tens que morrer. Apanhar um empanzinamento em qualquer umha das festas gastronómicas que de forma inesgotável e gratuita repartem viandas autóctones. Abandonar o tratamento de reparaçom de tecidos e renovaçom de células para que o envelhecimento continue a sua evoluçom definitiva. Deixar que os pólipos rectais engordem até se converterem num carcinoma irrevogável. Suprimir a medicaçom que diminui a sintomatologia ansioso depressiva com transtornos psicopáticos perante situaçons de stress ou de esforço físico. Pôr muito sal às comidas, permanecer em bipedestaçom de forma prolongada e estática, nom telefonar ao 061 perante umha forte e constante dor no lado esquerdo do peito. E já sabes, fumar mata lentamente e eu tenho muita pressa.
Temos que ser pessoas razoáveis. Chegou a hora da sucessom. Estou pronto para liderar o projecto político e ser o primeiro no cartaz eleitoral. Dá-te conta que já vens tendo uns anos e que tu à minha idade já estavas no poleiro. Faí-te um favor e vai morrendo."

A nota nunca chegou ao seu destinatário. O seu autor jaz escangalhado num tramo sem inaugurar do AVE de Cascos, porque quijo ultrapassar a comitiva oficial e umha máquina escavadora se atravessou na trajectória do seu carro particular ao nom ter direito ainda a viajar de carro oficial. RIP.